

CENTRO UNIVERSITÁRIO MARIO PONTES JUCÁ – UMJ

Curso de Graduação em Pedagogia

Maria Edivânia da Silva Feliciano

Nathalia Lais de Albuquerque Leite

**INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

MACEIÓ - AL

2023.1

**MARIA EDIVÂNIA DA SILVA FELICIANO
NATHALIA LAIS DE ALBUQUERQUE LEITE**

**INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo científico apresentado ao Centro Universitário Mario Pontes Jucá, como parte das exigências do Curso de Graduação de Pedagogia, para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia. Aprovado em: ____/____/____

Orientadora: Prof.^a Esp. Thâmara Lima Brandão
Carnaúba.

**MACEIÓ - AL
2023.1**

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FELICIANO, Maria Edivânia da Silva¹

LEITE, Nathalia Lais de Albuquerque²

Resumo: O seguinte projeto tem como objetivo apresentar ideias acerca da Docência na Educação infantil, com a temática sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA). Por se tratar de um transtorno cada vez mais presente na sociedade, são necessárias medidas que facilitem a inclusão da criança portadora do transtorno na educação infantil. Na sociedade vigente, o transtorno ainda não é conhecido acerca de suas características, sintomas e tipos, o que gera uma maior dificuldade na relação com crianças portadoras, principalmente na Educação Infantil, por se tratar do primeiro contato da criança no ambiente escolar. Os principais achados na pesquisa apontam para a necessidade de inclusão escolar e atividades educativas especiais de todos os alunos, bem como para a necessidade de adaptação, tanto da estrutura e funcionamento da escola, quanto na formação dos professores.

Palavras-chave: Educação infantil. Espectro autista. Inclusão

Abstract: The following project aims to present ideas about Teaching in Early Childhood Education, with the theme of Autistic Spectrum Disorder (ASD). Because it is a disorder that is increasingly present in society, measures are needed to facilitate the inclusion of children with the disorder in early childhood education. In current society, the disorder is not yet known about its characteristics, symptoms and types, which creates greater difficulty in the relationship with children with carriers, especially in Early Childhood Education, as it is the child's first contact in the school environment. The main findings in the research point to the need for school inclusion and special educational activities for all students, as well as the need for adaptation, both in the structure and functioning of the school, and in the training of teachers.

Keywords: Early childhood education. Autistic spectrum. Inclusion

¹ Maria Edivânia da Silva Feliciano, graduanda no curso de Pedagogia do ano de 2022, no Centro Universitário Mário Pontes Jucá. Email: izaia.feliciano@hotmail.com Currículo Lattes: _____

² Nathalia Lais de Albuquerque Leite, graduanda no curso de Pedagogia do ano de 2022, no Centro Universitário Mário Pontes Jucá. Email: nathalialeiteconsult@outlook.com Currículo Lattes: _____

1 INTRODUÇÃO

O seguinte projeto é um estudo acerca da Docência na Educação Infantil, sobre a temática de Transtornos do Espectro Autista (TEA) e a inclusão de crianças com esse distúrbio de desenvolvimento nos primeiros anos do âmbito escolar. Desse modo, percebe-se que existe uma grande problemática no Brasil na área da Educação infantil acerca da inclusão de crianças portadoras de TEA, devido à falta de capacitação de profissionais preparados para lidar com portadores desse transtorno. A Educação Infantil tem como finalidade promover o primeiro encontro de todas as crianças com o âmbito escolar, independente de diferenças entre as crianças.

Para que isso aconteça com êxito, serão necessários estudos, projetos e ações que busquem facilitar o ensino e a aprendizagem. Crianças autistas podem ter diferentes formas de aprender, inicialmente, a mesma precisa ser observada com o objetivo de ir descobrindo as características e a maneira em que a criança consegue aprender, através disso, sabe-se qual a melhor forma de adaptação para o ensino.

É notório que diante de situações como receber alunos autistas a escola precisa estar preparada. Logo, evidencia de uma educação inclusiva, em que a escola deve estar adaptada para receber todos os alunos, inclusive os que precisam de mais dedicação por ser portador deste transtorno, não os estudantes se adaptarem às escolas.

Os principais conceitos a serem trabalhados foram os transtornos do espectro e suas características e como essas influenciam na aprendizagem da educação infantil. Para a abrangência do estudo foi organizado, através de uma pesquisa bibliográfica e foram utilizados alguns autores, como: CAMPOS (1991), SILVA (2009), Nogueira (2007), CORREIA (1997), entre outros, no intuito de alcançar um trabalho com informações de qualidade.

O maior objetivo do projeto é apresentar ideias acerca da Docência na Educação infantil, com a temática sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA), mostrando que a inclusão da criança de forma cautelosa e correta é o mais importante. Com isso, a criança ficará adaptada ao local de ensino. Para isso, são necessários medidas e projetos que busquem o êxito na inclusão de forma

adaptada, como meio facilitador da aprendizagem da criança com TEA, e que mostre o mínimo de diferença possível entre os outros alunos.

O TEA sempre existiu, antes de ser descoberto como um transtorno, muitas pessoas consideravam como “birra” ou “má-criação”, o que gerava grande desconforto aos pais e principalmente às crianças, que sofriam a exclusão tanto em escolas quanto na sociedade. O autismo normalmente é caracterizado por problemas no desenvolvimento da linguagem, nos processos de comunicação e na interação e comportamento social da criança.

Consoante Silva et al (2012), ser uma criança com TEA (transtorno do espectro autista) e suas especificidades é “um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos 3 anos de idade e se prolonga por toda a vida”. Para ela, o TEA é basicamente “um conjunto de sintomas que afeta as áreas da socialização, comunicação e do comportamento”, de acordo com ela dentre estas áreas, é a interação social.

A pessoa com TEA tem uma forma diferente de se relacionar e agir, ou seja, temos que enxergá-los como alguém que tem modos diferentes e, como todos merecem respeito. No entanto, a sociedade não entende e não respeita esse modo de ser do indivíduo com TEA, faz-se necessário que todos tenham o conhecimento acerca de pessoas portadoras dessa síndrome. De acordo com o DSM-IV, o TEA é caracterizado pelo desenvolvimento atípico na interação social e comunicação e pelo repertório restrito de atividades e interesses (apud CAMARGO e BOSA, 2009, p.67).

Ao se deparar com casos como esse na educação infantil, o profissional da educação precisa traçar medidas para que o aluno seja bem acolhido, mas quais? Procurar e por em prática métodos de ensino convenientes a cada caso, visto que casos de autismo têm uma característica específica e diferentes formas de lidar.

2 A INCLUSÃO DE CRIANÇAS PORTADORAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

A inclusão de crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em ambiente escolar diminui em grande parte, uma problemática sempre presente no Brasil, como por exemplo: à falta de espaço para pessoas que precisam de maior atenção ou um maior cuidado, devido a suas limitações e deficiências. Algumas

crianças com autismo parecem comuns antes de um ou dois anos, mas de repente "regridem" e perdem as habilidades linguísticas ou sociais que adquiriram anteriormente. Esse tipo de autismo é chamado de autismo regressivo. Que também vem ganhando mais notoriedade pelo número de casos registrados.

Tal regressão torna ainda mais difícil o processo de aprendizagem da criança, porque tudo o que foi passado para a criança terá que ser repassado, mas com uso de outros métodos, os que mais se encaixe com as características das crianças.

Os sintomas do autismo podem variar de moderados a graves. Ou seja, ao conhecer as características presentes naquela criança autista, o profissional terá uma maior facilidade para moldar e traçar suas metas de ensino para aquela criança.

Os professores precisam ter conhecimentos básicos, para saber como incluir esse aluno em sala de aula, como adaptar os materiais pedagógicos, os conteúdos dos livros didáticos e ter orientações corretas para direcionar o seu trabalho docente em sala de aula. (SAMPAIO, 2018)

Antes de se traçar medidas, é notório que o professor precisa observar as características do aluno, procurando sempre o que pode melhor se encaixar com as características do aluno. Além disso, quando o diagnóstico de autismo não é identificado pelos pais, talvez por não conhecer os sintomas ou não ver diferenças no comportamento do filho, o profissional pode auxiliar na identificação e sugerir que os pais procurem especialistas para que o diagnóstico seja feito de forma correta.

Outra problemática é a aceitação do diagnóstico pelos pais, porque sem ela a devida assistência especializada não acontece. Logo, os pais precisam aceitar e buscar um atendimento psicológico especializado, pois é extremamente fundamental tanto para a criança com autismo, como para sua família e para o professor, além de ajudar a criança no desenvolvimento humano e em sua autonomia.

3 CAUSAS DO AUTISMO

Existem possíveis causas do autismo. Porém, entre as mais aceitas hoje, despertam grande interesse nos pesquisadores da área neurológica, no qual os sintomas e mutações genéticas são resultado de alguma falha de comunicação entre regiões do cérebro. Assim novas conexões neurais, estimuladas por terapia, poderiam ser formadas a fim de compensar a falha.

Segundo Carvalheira (2004, p.270)

O fenótipo autista é muito variado. Têm sido descritos tanto autistas clássicos, com ausência de comunicação verbal e deficiência mental grave, quanto autistas com sociabilidade comprometida, que apresentam habilidades verbais e inteligência normal. O Manual de Diagnóstico e Estatística de Doenças Mentais e a Classificação Internacional de Doenças criaram a categoria Diagnóstica dos Distúrbios Globais do Desenvolvimento e Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID). De uma maneira geral, são todos considerados pela designação Autismo. Os TID prejudicam a interação social, a comunicação e o comportamento, com uma prevalência alta.

Dessa forma, é possível afirmar que a comunicação e a linguagem da pessoa com TEA merecem atenção, pois são diretamente afetados em decorrência do transtorno. Condições em que ocorre esse comprometimento sejam de forma maior ou menor, prejuízos na linguagem e comunicação fazem parte do quadro clínico. Ao levar em consideração a linguagem como tudo aquilo que possibilita aos seres humanos interagir, expressar desejos, sentimentos e pensamentos, qualquer alteração que prejudique essas habilidades possui impacto negativo no desenvolvimento e qualidade de vida de qualquer pessoa.

Ainda de acordo com Carvalheira (2004, p. 270):

A etiologia do autismo ainda é desconhecida. Centenas de estudos têm tentado desvendar os fatores genéticos associados à doença. As causas neurobiológicas, associadas ao autismo, tais como convulsões; deficiência mental; diminuição de neurônios e sinapses na amígdala, hipocampo e cerebelo; tamanho aumentado do encéfalo e concentração aumentada de serotonina circulante sugere forte componente genético.

De fato, pode-se notar que ainda não existe uma causa considerada verdadeira razão para o surgimento do autismo, mas vale ressaltar que os estudos vêm explicando cada vez mais e desvendando características do autismo. Através desses estudos foi possíveis realizar medidas e formas de trazer a criança autista para um convívio social com menos preconceito acerca de um transtorno que não era muito conhecido.

3.1 A educação infantil e o transtorno de espectro autista

O período escolar é uma das fases mais importantes na vida de uma pessoa. Afinal, é nela em que alguns traços de personalidade são construídos, e o ambiente escolar desempenha um papel socializador em que a criança começa a ampliar sua rede de relações.

Será na fase escolar que a criança irá se relacionar e conhecer novos horizontes, longe do que estão acostumados, próximo aos pais. Não é diferente com um aluno com TEA, o mesmo também não está acostumado com o ambiente escolar e nem com as tarefas que serão executadas lá. De fato, a criança portadora de autismo terá uma maior dificuldade, talvez medo, inquietude, entre outras possíveis reações. O profissional terá que saber como agir em uma situação como essa, mas sem forçar, para que o aluno não se sinta coagido.

É através do profissional da educação infantil, o professor, que ela consegue construir conhecimentos expressivos, não é diferente com crianças portadoras de TEA, a fase da educação infantil tem grande importância para a socialização delas e seus desenvolvimentos.

Portanto, além das rotinas de sala de aula, o profissional da educação infantil tem o compromisso em manter um zelo pelas crianças que os acompanham em todos os ambientes, desde os pátios da escola até na convivência em casa com seus pais. De fato, o papel do professor é fundamental no andamento das atividades na Educação Infantil, pois ele é o mediador entre a criança e o conhecimento.

Sendo assim, é extremamente necessário que esse profissional esteja em uma constante busca por aprender sobre o desenvolvimento de crianças e a forma como elas veem e sentem o mundo, criando oportunidades para elas manifestarem seus pensamentos, linguagem, criatividade, reações, imaginação, ideias e relações sociais. De modo que torne o mais produtivo possível o tempo gasto pelas crianças na escola, uma consequência disto será uma melhor qualidade do que é absorvido pelas crianças.

Além de estar numa constante busca, o profissional precisa manter uma manutenção do conhecimento, visto que sempre surgirão novas atualizações acerca de estudos sobre o TEA, por se tratar de uma temática que ainda possui características não explicadas ou não conhecidas por mais ou responsáveis.

Segundo pesquisas de estatísticas, os diagnósticos de autismo vêm crescendo cada vez mais nos últimos anos. De acordo com Silva et al. (2009) profissionais da saúde, educação e áreas afins, que tenham a infância como especialidade, devem estar cada vez mais preparados para se deparar com casos de autismo nas suas práticas.

Em contrapartida, hoje ainda há uma grande deficiência acerca de conhecimento e capacitação profissional em relação às práticas diagnósticas, haja vista a falta de diagnósticos ou diagnósticos inadequados. Apesar de ter havido enormes avanços nessas últimas décadas em relação à identificação precoce e ao diagnóstico de autismo, muitas crianças, especialmente no Brasil, continuam durante muitos anos sem um diagnóstico ou com diagnósticos inadequados.

Quando nos referimos a crianças com TEA, podemos compreender que as mesmas possuem peculiaridades frente às atividades em sala de aula, como salienta Ferreira, Martins (2007) "... é fundamental que o docente compreenda a relação exclusão/inclusão... entender o conceito ajuda o professor a promover mudanças conscientes em sua prática". O professor deve escolher atividades que estejam fragmentadas, e que trabalhem processos periódicos fazendo com que o aluno se habitue às etapas e consigam concluir com satisfação o que lhe for proposto.

Segundo Da Silva Santos e Chicon (2016, p. 759):

O profissional da educação infantil pode fazer uso de métodos visuais devido ao fato de algumas crianças com TEA terem uma maior dificuldade com relação à abstração, mas muitas quando estimuladas de uma forma correta conseguem realizar suas lições, o docente precisa estar atento à questão da estimulação auditiva, e entender que em algumas atividades as crianças podem não saber o que fazer ou como continuá-las, cabe o docente lembrá-las como é a atividade e participar ativamente com os mesmos porque o exemplo é uma das melhores formas de aprendizagem.

De fato, o exemplo está diretamente ligado com a aprendizagem, por diversas vezes os alunos aprendem mais ao ver a lição e tentam reproduzi-las. As brincadeiras também podem ser inseridas no processo de ensino-aprendizagem, sendo assim, deve-se contribuir na construção do conhecimento na relação entre brincadeira e o desenvolvimento da criança com autismo, com o objetivo de compreender o brincar da criança com autismo em contexto de aprendizagem inclusivo.

Como já mencionado, um grande problema está relacionado ao tema dos diagnósticos inadequados ou atrasados de TEA, porque dificultam na aplicação de medidas adaptativas. De acordo com Assumpção et al. (2000) o diagnóstico diferencial para cada quadro de espectro é uma das grandes dificuldades do clínico que trabalha na identificação de casos. Os quadros de Asperger normalmente são reconhecidos antes dos 24 meses (1 ano), apresentando também maior ocorrência em indivíduos do sexo masculino, inteligência próxima da normalidade, déficit na sociabilidade, interesses específicos e circunscritos com históricos familiares de problemas similares e pouca associação com quadros convulsivos.

Entretanto, quando a intervenção é feita por profissional e de forma precoce, isso pode fazer com que a criança se transfira do quadro do autismo para o Asperger. A criança com Asperger é mais independente e consegue chegar aos lugares e resolver situações previsíveis. Portanto, o tratamento é sempre a melhor saída. De fato, a criança portadora da síndrome de Asperger terá uma diferença na forma de ensino, pelo fato de terem maior facilidade em alguns aspectos, algo que pode ser muito difícil para outra criança portadora de outro transtorno presente no quadro de transtornos do TEA. Porém, de qualquer forma, as formas de ensino nunca seriam iguais, porque cada transtorno reage de uma forma diferente em cada criança.

De acordo com Klin (2006) o autismo e a síndrome de asperger são os mais conhecidos entre os transtornos, um grupo de condições marcadas pelo início precoce de atrasos e desvios no desenvolvimento das habilidades sociais, comunicativas e demais habilidades.

É de extrema importância dizer que o autismo é um transtorno de desenvolvimento que leva ao comprometimento global da interação social com comportamentos repetitivos e restritos, além de problemas de comunicação social.

Por outro lado, mesmo que o portador da síndrome de asperger também possa apresentar essas características, o que difere é a intensidade, a profundidade e a gravidade dos sintomas entre os dois transtornos. O Autismo leva a um comprometimento de linguagem, de comunicação, além de aspectos que dizem respeito à sensibilidade, ao ato alimentar e ao sono. Isso leva o autista a enfrentar tudo de forma severa.

Como mencionado anteriormente, existe uma semelhança entre autismo e síndrome de Asperger, porém, é fácil distinguir uma da outra, tendo em vista que a síndrome de Asperger tem características mais leves e afetam menos o desenvolvimento da criança.

A adaptação da criança à vida social e escolar tem que ser assistida. Para isso, é necessária uma intervenção psicossocial, intervenção no desenvolvimento e no campo comportamental para que ela se adapte a um convívio satisfatório.

As três formas principais de TEA são: o autismo clássico, a síndrome de Asperger e o transtorno invasivo de desenvolvimento não especificado. A síndrome de Asperger é o mais próximo do autismo pelos sintomas e causas; diferentemente do autista "clássico", o Asperger não tem qualquer atraso significativo no desenvolvimento da linguagem. Hoje em dia, considera-se que esses 3 tipos de autismo não existem mais e foram fundidas em uma só condição denominada de transtorno do espectro do autismo.

A pedagogia e suas especializações entram no sentido de auxiliar em uma melhor aprendizagem e conforto aos alunos. Além de também estar auxiliando acerca dos métodos de ensino e medidas a serem tomadas diante de diversas situações diante da educação para crianças portadoras de TEA.

Tais medidas são o que movem o ensino na escola, uma vez não executadas e implantadas de forma correta, o ensino sofrerá uma deficiência, pelo fato de as crianças não estarem absorvendo os estudos e técnicas de ensino da maneira correta.

A problemática não se restringe apenas ao professor que não consegue traçar metas de ensino, mas também a falta de auxílio que os mesmos precisam, quando se deparam pela primeira vez com alunos com características diferentes das que eles estão acostumados a ver e lidar. O auxílio deveria vir acompanhado de uma formação para cada situação.

Contudo, todas as características citadas acima são comuns em ambientes da educação infantil, porém, com casos de criança com TEA, a atenção precisará ser redobrada, devido ao comportamento de algumas crianças que podem ser mais inquietos.

Diante desse cenário, é imprescindível que a formação de professores seja algo permanente, que faça com que o docente seja capaz de desenvolver habilidades básicas relacionadas a estratégias pedagógicas, que o mesmo seja capaz de compreender e se adaptar à diversidade presente em sala de aula

Em tempos modernos, existem vários estudos acerca do TEA, o que possibilita um conhecimento cada vez mais amplo sobre tudo que o transtorno engloba. Uma

prova disso é o presente projeto, que foi elaborado através de estudos e pesquisas sobre a temática.

Um dos motivos do Autismo estar sendo cada vez mais visado é o comprovado aumento de casos no Brasil e no mundo. Como já foi falado anteriormente, ainda não existe uma prova ou justificativa que apresente com plena certeza as causas e aumento.

4 LEIS QUE REGEM A EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com a atual Lei 13.146/2015: A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015, Art.27). Nisso, fica que as leis de inclusão asseguram e promovem a conquista e o exercício de sua autonomia. Logo, é preciso fazer a teoria ser, de fato, seguida na prática.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017, p.18) “...requer o compromisso com os alunos com deficiência, reconhecendo a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e de diferenciação curricular...” No mesmo documento (BNCC 2017, p.17) prevê ainda” criar e disponibilizar materiais Revista Científica Intellecto Venda Nova do Imigrante, ES, Brasil v.5, n.1, 2020 p. 9-21 13 ISSN 2525-9075 on-line de orientação para os professores, bem como manter processos permanentes de formação docente que possibilitem contínuo aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem”.

O Plano Nacional da Educação (PNE), Lei nº 13.005/2014 vem de encontro na mesma perspectiva de promover um ensino inclusivo e de qualidade, dentre suas metas a serem cumpridas no prazo de 10 anos, tem como a meta 4 “universalizar, para a população de 4 (quatro) a 17 (dezessete) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de

recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados.”

Diante dessa pesquisa, é evidente que os autistas são capazes de atuarem também no mundo do trabalho com reconhecimento social sem segregação e sem preconceito. Porém, para isso acontecer a inclusão escolar precisa existir para compreender e atender às necessidades educativas especiais de todos os alunos, em salas de aulas comuns, em um sistema regular de ensino, de forma a favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos. Portanto, a escola precisa de se adaptar. Essas mudanças dizem respeito tanto a estrutura, quanto no funcionamento da escola e na formação dos professores.

4.1 A importância da família no processo escolar

De acordo com De Carvalho (2021, p. 2):

Nesse contexto, a família é um fator determinante e de uma importância no processo inclusivo, mediante sua interação com a escola. Dessa forma, torna-se necessária uma interação verdadeira, principalmente no que se refere a informações sobre a comunicação ou comunicações particulares de cada criança, a relação ideal traria a afetividade como caminho.

A família pode colaborar muito especial para o desenvolvimento da criança autista nos primeiros anos do ensino, principalmente de modo a fornecer aos profissionais da educação as informações sobre as formas de comunicação da criança, com o objetivo de facilitar a abordagem a esses alunos e estabelecer estratégias que sejam benéficas a ele e ao professor. Quando há pelo menos uma forma de comunicação utilizada pela criança, as outras podem ser desenvolvidas com o passar do tempo.

Porém, sabe-se que o enfrentamento por parte da família e da escola das crianças com TEA pode ser pesado e mais trabalhoso, pois estas apresentam diferenças no desenvolvimento que afetam os desempenhos social e educacional. Porém, deve-se buscar estabelecer trocas afetivas e fortalecer a comunicação, a ausência da troca afetiva e de comunicação costuma ser a maior dificuldade, pois os autistas têm dificuldades específicas para entender vários sentimentos humanos.

A matrícula da criança portadora de autismo na escola pode levar a mudanças no íntimo familiar, à medida em que a criança está frequentando mais um grupo social

e tendo a oportunidade de conviver com outras crianças. Os pais, passam a conviver com outros pais nesse novo universo e a acreditar nas possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem sistemática de seus filhos. É de grande importância o estabelecimento de vínculos entre familiares, professores, crianças para que as atividades propostas estejam direcionadas às necessidades e particularidade das crianças.

A participação da família na educação das crianças com TEA deve ser constante, isso refletirá na qualidade da relação entre a escola e a família, sendo absoluto para um andamento proveitoso do processo de ensino aprendizagem do aluno. O trabalho em conjunto entre família e escola pode trazer muitos benefícios aos alunos, garantindo uma prática educativa que promova aprendizagem e forneça bons resultados na formação escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A temática escolhida e pesquisada admite que inclusão do aluno com TEA deve ser feita de forma correta, almejando a aprendizagem, o desenvolvimento das habilidades, a fim de superar as dificuldades, pois muitas vezes a inclusão acontece de forma deficiente no sistema educacional brasileiro, por falta de preparação dos profissionais diante de alunos autistas. Portanto, fica claro que um dos principais impasses é, sem dúvida, o despreparo dos profissionais do sistema regular para receber esses alunos. Faz-se mister que o Estado, priorize a formação adequada e continuada para professores.

Diante dessa pesquisa, é evidente que os autistas são capazes de atuarem também no mundo do trabalho com reconhecimento social sem segregação e sem preconceito. Porém, para isso acontecer a inclusão escolar precisa existir para compreender e atender às necessidades educativas especiais de todos os alunos, em salas de aulas comuns, em um sistema regular de ensino, de forma a favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos. Portanto, a escola precisa se adaptar. Essas mudanças dizem respeito tanto a estrutura, quanto no funcionamento da escola e na formação dos professores.

Logo, nota-se o valor de um profissional especializado, pois um professor tendo a capacitação necessária terá uma maior facilidade de adaptar o ensino dos seus

alunos com TEA. É preciso uma prática educacional preparada, professores atualizados para receber qualquer aluno. Assim, com essas medidas, gradativamente, o tempo das crianças no âmbito escolar será mais produtivo, de modo que aproveitarão melhor cada momento, devido ao ensino de qualidade e inclusivo, sendo capazes de atuarem no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS:

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, vol.21, n.1. 2009. p. 65-74. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n1/08.pdf>. Acesso em 02 de Outubro de 2022.

CARVALHEIRA, Gianna; VERGANI, Naja; BRUNONI, Décio. Genetics of autism. São Paulo: **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v.26, n. 4, p. 270-272.

DA SILVA SANTOS, Rosely; CHICON, José Francisco. A brincadeira de faz de conta em crianças com autismo. **Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e do Seminário Capixaba de Educação Inclusiva**, v. 1, p. 759-766, 2016.

DE CARVALHO, Aline dos Santos Moreira et al. TEA, família e escola-O trabalho em conjunto, relação de empatia. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, p. e136101522820-e136101522820, 2021.

SAMPAIO, Ligia Maria Tavares. **Formação do professor na educação inclusiva e TEA**. Disponível em : http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_MD1_SA10_ID90_15092018132151.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

SILVA, Micheline; MULICK, James A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais considerações práticas. **Psicologia: ciência e profissão** v. 29, n. 1, p. 116-131, 2009.